

abpi.empauta.com

Associação Brasileira da Propriedade Intelectual
Clipping da imprensa

Brasília, 03 de fevereiro de 2023 às 07h58
Seleção de Notícias

Exame.com | BR

Patentes

Quem sofre mais com novas tecnologias?	3
---	----------

DA REDAÇÃO

UOL Notícias | BR

03 de fevereiro de 2023 | Pirataria

Clubes declaram guerra à pirataria e usam espões contra produtos falsos	7
--	----------

MidiaNews | MT

Direitos Autorais

Inteligência Artificial e propriedade Intelectual	9
--	----------

Quem sofre mais com novas tecnologias?

Para os trabalhadores, os avanços tecnológicos podem ser uma faca de dois gumes. Por um lado, as novas tecnologias podem fazer com que as pessoas fiquem mais produtivas. Por outro, algumas formas de automação também podem fazer com que alguns trabalhadores se tornem obsoletos.

Porém, quais exatamente são os trabalhadores mais propensos a perder empregos ou terem suas rendas reduzidas com a chegada de novas tecnologias?

Bryan Seegmiller, professor assistente de finanças da Kellogg, juntamente com o professor de finanças da Kellogg, Dimitris Papanikolaou e seus colegas, buscaram entender melhor que tipos de trabalhadores eram historicamente vulneráveis a se tornarem obsoletos pela tecnologia e como as interrupções de carreira causadas pela tecnologia afetavam os ganhos futuros. Eles desenvolveram uma nova maneira de medir a exposição dos trabalhadores à tecnologia emergente, identificando semelhanças entre as tarefas associadas às diferentes ocupações e as descrições em novas **patentes**. Isso permitiu que acompanhassem as formas como as tecnologias inovadoras afetaram a exposição dos trabalhadores a ocupações relevantes ao longo do tempo.

Como era de se esperar, descobriram que os trabalhadores braçais tiveram a maior exposição a tecnologias emergentes, especialmente de 1850 a 1970. Porém, outros padrões foram mais surpreendentes. Na década de 1970, ocupações onde as pessoas realizavam tarefas "cognitivas" rotineiras, como balconistas, técnicos e programadores, também começaram a sofrer exposições muito maiores à tecnologia. E quando surgiam novas invenções, os trabalhadores que ganhavam os salários mais altos dentro das ocupações afetadas - ou seja, aqueles com as habilidades mais avançadas - testemunharam as maiores reduções nos salários.

"Trabalhadores mais qualificados têm mais a perder", diz Seegmiller. Eles tendem a "ser os mais atin-

gidos em termos de renda".

Vencedores e perdedores

Em geral, a tecnologia melhora a produtividade e os padrões de vida. No entanto, os ganhos e perdas não são distribuídos igualmente. Cada avanço pode, em média, ajudar a todos, "mas pode haver um subconjunto muito específico de pessoas que simplesmente são absolutamente massacradas", diz Seegmiller.

Para entender melhor quais trabalhadores foram, historicamente, afetados pelos avanços tecnológicos, Seegmiller e Papanikolaou, juntamente com Leonid Kogan e Lawrence Schmidt, da MIT Sloan School of Management, criaram uma nova maneira de medir a maneira pela qual a exposição das pessoas à tecnologia - ou seja, o risco de serem substituídas por novas invenções - mudou ao longo do tempo.

Os pesquisadores reuniram descrições de tarefas realizadas em mais de 13 mil tipos de trabalhos do banco de dados do Dictionary of Occupation Titles. Em seguida, criaram um algoritmo usando ferramentas de processamento de linguagem natural para comparar as descrições das tarefas com o texto das patentes de 1840 a 2010, com foco em avanços revolucionários. Baseado nas semelhanças dos textos, a equipe conseguiu identificar patentes altamente relacionadas a tarefas de trabalho associadas a ocupações específicas.

Por exemplo, o algoritmo emparelhou uma patente do século 19 de uma máquina de tricô com ocupações como trabalhadores têxteis e costureiros. Uma patente de um sistema para gerenciar contas financeiras foi emparelhada a gerentes financeiros, analistas de crédito, contadores, escriturários e assim por diante.

Ter diploma universitário não ajuda

Em seguida, a equipe examinou quatro grandes ca-

Continuação: Quem sofre mais com novas tecnologias?

tegorias de empregos.

Uma categoria foi ocupações braçais, como eletricistas e operadores de máquinas. Outro foram trabalhos interpessoais que exigiam percepção social, ou a capacidade de entender e se comunicar com outras pessoas; estes incluíam professores e psicólogos. Os trabalhos cognitivos de rotina envolviam a execução repetitiva de tarefas que geralmente seguiam uma lista definida de instruções - por exemplo, funcionários e técnicos. E ocupações cognitivas não rotineiras que exigiam habilidades como pensamento criativo, análise de informações ou orientação de membros da equipe; engenheiros, cirurgiões e gerentes se enquadravam nessa categoria.

Como era de se esperar, os trabalhos físicos braçais foram os mais expostos à mudança tecnológica. Entretanto, as ocupações cognitivas não estavam imunes ao mesmo risco. Os trabalhos cognitivos de rotina, mais especificamente, começaram a ficar muito mais expostos a partir da década de 1970, quando a tecnologia da informação começou a decolar.

Um exemplo foram os vendedores, cujas tarefas incluíam receber os pedidos dos clientes por telefone, coordenar remessas e verificar os detalhes do pedido. No final da década de 1990, sua exposição à tecnologia aumentou drasticamente. Por volta dessa época, foram apresentadas muitas **patentes** para software afins, como um sistema informatizado de entrada de pedidos.

A exposição de trabalhadores com diploma universitário também aumentou nas últimas décadas. No início dos anos 2000, estava quase no mesmo nível dos trabalhadores sem diploma universitário. "As tecnologias se infiltram em áreas que não tinham antes", diz Seegmiller. Por exemplo, as exposições de várias ocupações de engenharia aumentaram na década de 1990 devido à introdução de novos softwares e outras tecnologias de informação que mudaram as habilidades necessárias e até automatizaram algumas das tarefas realizadas por essas ocupações.

Esse aumento da exposição apresentou um risco tangível para todas as categorias de trabalhadores. Com base em pesquisas do Censo dos EUA de 1910 a 2010, a equipe descobriu que um aumento na exposição à tecnologia estava ligado a uma redução no número de empregos. E com relação aos dados salariais a partir da década de 1980, sugeriram que uma maior exposição levou a rendas mais baixas. Por exemplo, os salários dos vendedores decaíram 20% em relação a outras ocupações de 1997 a 2010, um período que passou por um aumento do comércio eletrônico, o que mudou fundamentalmente a ocupação.

Habilidades obsoletas

Depois disso, a equipe se aprofundou mais para ver se havia alguma diferença nos danos experimentados por diferentes tipos de trabalhadores dentro de um determinado nível de exposição ocupacional.

Por exemplo, os pesquisadores compararam trabalhadores de 45 a 55 anos com trabalhadores de 25 a 35 anos. Quando confrontados com a mesma quantidade de exposição à tecnologia, no mesmo tipo de trabalho, os salários dos trabalhadores mais velhos cresceram 1,8 vezes mais lentamente ao longo de um período de cinco anos. Isso pode ter sido em parte devido aos trabalhadores mais jovens terem investido menos tempo em habilidades agora obsoletas e terem mais tempo restante na força de trabalho para adquirir novas habilidades.

Novamente, os trabalhadores com formação universitária não se saíram muito melhor do que os formados do ensino médio. Para ambos os tipos de funcionários, a redução da renda em resposta aos avanços tecnológicos foi semelhante. "Ter um diploma universitário não necessariamente protege a pessoa", diz Seegmiller.

Uma das descobertas mais impressionantes surgiu quando a equipe analisou os trabalhadores que atingiram o nível de renda mais alto dentro de uma profissão exposta - por exemplo, funcionários ou

Continuação: Quem sofre mais com novas tecnologias?

operadores de máquinas que ganhavam salários relativamente altos em comparação com seus colegas. Esses funcionários viram seus salários diminuir mais do que duas vezes mais do que os trabalhadores medianos na mesma ocupação com o mesmo nível de exposição à tecnologia. "Para as pessoas com habilidades realmente altas, a queda é dura", diz ele.

Esse padrão era ainda mais forte entre os trabalhadores altamente remunerados em ocupações que exigiam um longo histórico de tipos específicos de experiência, como negócios qualificados, como fabricantes de ferramentas, maquinistas e reparadores de equipamentos elétricos. Esses funcionários, "estão realmente envolvidos no investimento dessas habilidades específicas", diz ele.

Essas tendências nos salários sugeriram que estava acontecendo algo mais sutil do que a automação. No cenário de automação, "a tecnologia surge e um robô faz o que você costumava fazer", diz Seegmiller. Porém, um segundo tipo de deslocamento também era possível: em vez de substituir diretamente os trabalhadores, a tecnologia poderia mudar a maneira como o trabalho era feito e exigir que as pessoas adquirissem novas habilidades.

Por exemplo, um funcionário altamente competente no uso de um determinado sistema de manutenção de registros pode precisar aprender um novo software; ou um operador de máquina experiente pode ter que aprender a lidar com equipamentos desconhecidos. As pessoas que investiram muito tempo e esforço para dominar métodos agora obsoletos poderiam ser demitidas; ou se permanecessem em seus empregos, seus salários poderiam estagnar ou até mesmo diminuir.

"Se surge uma nova tecnologia, e se você for realmente bom no que faz na forma antiga, isso pode ser tão difícil quanto a chegada de um robô para substituir os trabalhadores na linha de montagem", diz ele.

Aprendizagem para a vida toda

Os pesquisadores identificaram alguns pontos brilhantes. Empregos na categoria interpessoal tiveram consistentemente baixa exposição à mudança tecnológica. "Uma coisa que a tecnologia não pode fazer, que nunca foi capaz de replicar, é a interação de humano para humano", diz Seegmiller.

E os trabalhadores que se especializaram intensamente nessas habilidades interpessoais se saíram melhor. Mesmo quando a exposição à tecnologia aumentou, sua renda não diminuiu tanto quanto em outros tipos de ocupações.

A tecnologia também não foi uma força uniformemente negativa. A equipe realizou uma análise separada para identificar **patentes** em vários setores que não se sobrepunham às tarefas ocupacionais. A exposição a esses avanços estava realmente ligada a um aumento na renda dos trabalhadores, provavelmente porque as invenções os ajudaram a se tornar mais produtivos.

"Nem toda tecnologia é ruim para os trabalhadores", diz Seegmiller. "Mas a tecnologia prejudica algumas pessoas em particular."

Assim, o que os trabalhadores devem fazer para se protegerem das tecnologias do futuro?

Além de cultivar habilidades interpessoais, "estar disposto a aprender e se adaptar constantemente é realmente importante", diz ele. Muitos cursos on-line gratuitos ou baratos podem ajudar os trabalhadores a adquirir novas habilidades. Os formuladores de políticas também podem desenvolver programas para subsidiar o treinamento de funcionários que podem ser deslocados do emprego em futuro breve.

Além disso, o risco de exposição tecnológica futura não deve necessariamente desencorajar as pessoas a buscarem uma ocupação que é valorizada hoje. Por

Continuação: Quem sofre mais com novas tecnologias?

exemplo, uma nova preocupação - que não foi abordada neste estudo - é que a IA assumirá tarefas complexas, como a análise de dados. Isso pode significar que os analistas de dados verão um crescimento salarial mais lento no futuro, mas ainda assim receberão salários relativamente altos em comparação com muitas outras profissões mais isoladas da tecnologia. E se esses analistas gostarem do trabalho, as recompensas de ter um emprego satisfatório podem valer o risco de renda.

"Pensar que a IA vai fazer tudo e, portanto, devo evitar investir em habilidades técnicas e me tornar, digamos, padeiro' - é simplesmente excessivamente pessimista", diz Seegmiller.

Clubes declaram guerra à pirataria e usam espões contra produtos falsos

Você tem duas opções ao decidir comprar uma camisa do seu time: adquirir o modelo oficial ou um **produto** pirata. A primeira costuma exigir uma bela grana. A segunda cabe em bolsos de diferentes tamanhos, mas não rende dinheiro de royalties ao seu clube. O segundo caminho alimenta uma prática ilegal e, pelo menos na maioria das vezes, oferece um produto sem a mesma qualidade do original.

Por trás desse cenário, está uma guerra que parece ser infinita. Numa trincheira estão policiais, clubes, investigadores particulares e fabricantes de material esportivo. Na outra se concentram fábricas e vendedores não licenciados. O confronto é histórico, mas se intensificou nos últimos anos com a contratação de escritórios especializados em combate à **pirataria** por parte das agremiações. Desde então, essa história ganhou cenas de filme de espionagem.

Nas próximas linhas, você vai mergulhar no universo do combate à **pirataria** relacionada a produtos de clubes em São Paulo. É um mundo que está longe do alcance dos seus olhos, mas que pode afetar a sua grana.

Espionagem

Investigadores particulares se colocam estrategicamente perto de um centro de comércio popular em São Paulo. Homens descarregam grandes sacos pretos. Os observadores seguem os suspeitos de transportar artigos esportivos falsos.

Discretos, eles confirmam a entrega em lojas. Se for o caso, seguem o veículo dos suspeitos para tentar descobrir a origem dos produtos. Segundo Ricardo Magno Bianchini da Silva, superintendente jurídico do Corinthians, essa é uma das maneiras de seu escritório atuar contra a **pirataria**.

O Bianchini Advogados atua contra a **pirataria** para

o Alvinegro da capital desde novembro de 2021 e para o Santos desde o ano passado. Para o Palmeiras quem age nessa área é o escritório Meirelles IPC, que também defende os interesses de Grêmio, Inter e Flamengo.

"Nossa inteligência tem um pessoal que faz o rastreamento de forma online e temos equipe de inteligência que vai ao local e confirma a prática", explicou o advogado Flávio Augusto Nunes de Meirelles, do escritório que trabalha para o Palmeiras.

Por sua vez, o São Paulo informou que o trabalho de combate à **pirataria** de camisas do clube é feito pela Adidas. A empresa disse, por meio de sua assessoria de imprensa, que não comentaria o assunto.

Online

Enquanto essa reportagem era escrita, foi possível achar na internet, por exemplo, a camisa 3 do Corinthians falsificada por valores que variam entre R\$ 29,90 e R\$ 85,90. Ao mesmo tempo, o modelo oficial na versão mais barata era vendido por R\$ 249,99 na página autorizada pelo clube.

Pelo menos parte dos escritórios que trabalham para as agremiações, usa ferramentas que localizam produtos ligados a times vendidos por plataformas a preços baixos. É o caso dos que representam Corinthians, Santos e Palmeiras.

"Quando identificamos o **produto** pirata, entramos em contato com os sites. Eles tiram [o anúncio], mas muitos voltam com outro nome. A gente vai lá e deruba de novo", contou Bianchini.

De acordo com o superintendente jurídico do Corinthians, de julho a dezembro do ano passado, o clube conseguiu a retirada definitiva da internet de 1.156 anúncios com ofertas de produtos não licenciados.

Continuação: Clubes declaram guerra à pirataria e usam espões contra produtos falsos

Segundo o advogado, essas ações resultaram na retirada do ar de ofertas de mercadorias que, juntas, tinham valor de venda superior a R\$ 220 milhões.

O **Conselho** Nacional de Combate à Pirataria, vinculado ao Ministério da Justiça, produziu um guia de boas práticas e orientações às plataformas de comércio eletrônico. No entanto, a Ápice (Associação pela Indústria e Comércio Esportivo) trabalha por uma legislação mais rigorosa. "O guia não tem caráter obrigatório e a gente quer que tenha", disse Renato Smirne Jardim, diretor executivo da Ápice.

Na polícia e na Justiça

Depois de identificarem fábricas de produtos não licenciados e lojas que os comercializam, os escritórios fazem representações para a polícia. Também são abertas ações cíveis pedindo busca e apreensão das mercadorias não licenciadas e indenizações por danos materiais e morais. Em determinados casos, a Polícia Rodoviária Federal é acionada. "A Receita Federal também tem uma atuação muito forte em fronteiras e em fiscalização nos Correios tentando impedir produtos ilegais de entrarem no país", diz Meirelles.

Ação policial

Na linha de frente do combate à **pirataria** na Polícia Civil de São Paulo está o delegado Wagner Carrasco, da 1ª Delegacia da Divisão de Investigações Gerais (DIG) do Departamento de Investigações Criminais (DEIC).

De acordo com Carrasco, sua delegacia apreendeu em 2022 cerca de 3.804.223 produtos esportivos e ou-

tros itens falsificados relacionados a instituições esportivas. "O prejuízo dos clubes de futebol e confederações é expressivo, pois, se considerarmos o valor médio de uma camiseta de clube [sem levar em conta outros prejuízos sofridos pela marca] R\$ 250, o valor do prejuízo [se o material fosse comercializado] ultrapassaria R\$ 750 milhões", calculou o delegado.

Impostos

Trabalhar pela redução da tributação relativa a material esportivo é uma das ações da Ápice como representante das marcas do setor. Segundo o diretor executivo da entidade, os tributos podem corresponder a 40% do valor de venda das camisas oficiais de times de futebol.

No varal

A facilidade de comprar camisas não oficiais pela internet não eliminou uma velha forma de comércio: os varais estendidos em volta dos estádios. Para Carrasco, a conscientização dos torcedores de que esses produtos são ilegais e que acarretam prejuízos aos clubes e aos cofres públicos minimizaria o problema.

"Porém, ações por parte da iniciativa privada [clubes de futebol e marcas] e do poder público, quer através da Prefeitura Municipal, da Guarda Civil Metropolitana e da Polícia Civil, por meio desta 1ª Delegacia da DIG do DEIC, já vêm sendo tomadas de forma estratégica e com essa finalidade [coibir a venda de mercadoria pirata perto dos estádios]", declarou o delegado.

Inteligência Artificial e propriedade Intelectual

Artistas começaram a reconhecer padrões e estilos supostamente copiados

Desde o surgimento do conceito de uma inteligência artificial, sua concretização sempre pareceu ineficaz, contudo, o período que começa no final do ano de 2022 e início do ano de 2023 poderá ser o marco da popularização desta tecnologia entre as massas. Seu uso em larga escala encantou e assustou simultaneamente.

A inteligência artificial mais conhecida em 2022 foi a Midjourney com a sua incrível capacidade de gerar arte sob demanda específica dos usuários. Com a capacidade de aprendizado - chamado Machine Learning -, e usando a internet como um banco de dados, consegue gerar imagens completamente novas, que não foram desenhadas por ninguém antes ou algo muito próximo disso.

Neste ponto nascem questões importantes para o campo da propriedade intelectual: como ficam os **direitos** autorais? A quem pertence a obra? As obras são realmente originais?

Veja-se, mesmo que as imagens geradas sejam novas e não possuam outras iguais em nenhum lugar, ela é feita a partir de uma base de dados já existentes de artes digitais e notoriamente se utilizou do banco de imagens de um site chamado DeviantArt.

Após o crescimento súbito de imagens geradas pela Inteligência Artificial, os artistas começaram a reconhecer padrões e estilos supostamente copiados sem nenhum credenciamento ao autor original.

A título de exemplo, é como se na indústria musical algum artista utilizasse um Sample (amostra) de uma música já existente para compor nova canção e não desse nenhum crédito ao artista original, tampouco pagando Royalties (direitos sobre a música nova).

Tal fato deu origem ao ajuizamento de uma "Class Action" (Ação Coletiva) proposta por um grupo de artistas em desfavor das empresas que participam da Midjourney e contra o site DeviantArt por violação de **direitos** autorais, direito de publicidade, competição desleal e quebra de termo de serviços. Se houve plágio ou uso indevido de imagem, essa questão ainda será decidida pela Corte Federal dos Estados Unidos do Distrito Norte da Califórnia.

Por enquanto o desenvolvimento das IA 's seguem em estágios iniciais, mas à medida que ocorre a evolução do Machine Learning e essas tecnologias adotarem programação própria e até mesmo autônoma, o controle da intenção originária do autor original do programa será ultrapassado.

O rápido avanço desta tecnologia e os problemas que já surgem do seu funcionamento demonstram uma necessidade urgente de se estabelecer balizas para que se proteja o direito dos usuários e, em simultâneo, fomente a pesquisa.

No Brasil existem dois projetos de leis para estabelecer princípios para uso das IA's (PL n.º 5.051/2019), bem como instituir a Política Nacional de Inteligência Artificial (PL n.º 5.691/2019) no intuito de promover um equilíbrio dos riscos e vantagens da adoção de tal tecnologia.

A questão da propriedade intelectual no campo da inteligência artificial é fundamental para que se entenda como essas tecnologias podem ser usadas e protegidas. A legislação brasileira ainda não abordou esses temas, mas quando o fizer, será necessário repensar as noções de autoria e obra.

Newton Fernando Fontanez é advogado, especialista em propriedade intelectual e compliance. Entre no grupo do MidiaNews no WhatsApp e receba notícias em tempo real ().

Índice remissivo de assuntos

Patentes

3

Software

3

Pirataria

7

Direitos Autorais

9